Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

# CONHECIMENTO DOS ACADÊMICOS DE FISIOTERAPIA ACERCA DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS COMPLEMENTARES EM SAÚDE EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

KNOWLEDGE OF PHYSICAL THERAPY STUDENTS ABOUT THE INTEGRATIVE COMPLEMENTARY PRACTICES

Tarsila Viana Oliveira [1]
Marcelo Peixoto Souza [2]

**Manuscrito recebido em:** 20 de abril de 2022.
**Aprovado em:** 14 de março de 2024.
**Publicado em**: 31 de janeiro de 2025.

**Resumo**
**Objetivo:** Identificar o conhecimento de acadêmicos de fisioterapia sobre as Práticas Integrativas Complementares (PICS) utilizadas pelos Fisioterapeutas. **Métodos:** Estudo descritivo transversal com 66 acadêmicos de Fisioterapia matriculados na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador-Bahia. Os dados foram coletados por meio de um questionário elaborado pelos pesquisadores, o qual incluía questões sobre características demográficas e o nível de conhecimento dos acadêmicos em relação às PICS. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNEB sob o protocolo 1.539.705/2016. **Resultados:** 83,3% eram do sexo feminino, idade média de 23,25 anos. Acadêmicos do 4º ao 6º semestre (77,8%) e 7º ao 9º (97,4%) consideraram conhecer as PICS de maneira geral, havendo significância estatística (p = 0,015), a prática mais conhecida por eles foi a acupuntura. Sobre a regulamentação do uso pelo fisioterapeuta, 69,7% responderam não conhecer, 59,1% apontaram que PICS devem ser abordadas nos cursos de graduação de forma optativa, e inserido em todos os níveis de atenção do Sistema Único de Saúde - SUS (74,2%). **Conclusão:** Os estudantes de Fisioterapia conhecem as PICS, a mais conhecida por eles é a acupuntura, e o conhecimento advém de componentes curriculares optativos. A maior parte desconhece a resolução 380/10 do COFFITO e a PNPIC, embora acreditem que deva ser inserida na matriz curricular.

**Palavras-chave:** Racionalidades Médicas; Terapias Complementares; Especialidade de Fisioterapia; Ensino Superior.

**Abstract**
**Objective:** To identify the knowledge of physiotherapy students on Complementary Therapies used by physiotherapists. **Methods:** Cross-sectional descriptive study with 66 physical therapy students enrolled at the University of Bahia, Salvador-Bahia. Data were collected through a questionnaire developed by the authors, containing demographic data, knowledge of academics towards the Complementary Therapies. The project was approved by the Research Ethics Committee of UNEB under the 1539705/2016 protocol. Results: 83.3% were female, mean age 23.25 years. Academic of the 4th to 6th semester (77.8%) and 7 to 9 (97.4%) considered to know the Complementary Therapies in general, with statistical significance (p = 0.015), the most known practice for them was acupuncture. About the regulation of the use by the physiotherapist, 69.7% answered not know. 59.1% said that Complementary Therapies should be addressed in undergraduate courses optative and inserted in all the Unified National

[1] Graduada em Fisioterapia pela Universidade do Estado da Bahia.
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9892-7028 E-mail: tarsila_viana@hotmail.com
[2] Doutorado em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Professor na Universidade do Estado da Bahia.
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2661-832X E-mail: mapsouza@uneb.br

Health System – SUS levels of care (74.2%). **Conclusion:** Physiotherapy Students know the Complementary Therapies, the best known of them is acupuncture, and knowledge comes from elective curriculum components. Most unaware of the resolution 380/10 of COFFITO and PNPIC, although they believe that should be included in the curriculum.

**Keywords:** Medical Rationality; Complementary therapies; Physical Therapy Specialty; Universities.

## INTRODUÇÃO

As Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS) são um conjunto de abordagens terapêuticas que envolvem diversas terapias, recursos e práticas de cuidados com a saúde, tanto tradicionais quanto modernas, que são utilizados em conjunto com a medicina convencional. As PICS têm evoluído ao longo dos anos através de uma combinação de fatores de tradições culturais e históricas, pesquisa científica e evidências clínicas, que são utilizadas por diversas civilizações do mundo, desde as mais antigas, como as orientais: Índia e China, até as mais contemporâneas, como as europeias e americanas.[1] Inúmeras terapias são amplamente exercidas como a Medicina Tradicional Chinesa (MTC)/Acupuntura, Fitoterapia/Plantas Medicinais, Homeopatia, Aromaterapia, Reiki, entre outras.[1,2]. Sua construção social na área da saúde foi fortemente influenciada pela tradição, filosofia, religiosidade e costumes de diferentes povos e culturas, e graças a sua efetividade terapêutica empírica em diversos problemas de saúde, as PICS ganharam destaque como terapias alternativas de grande aceitação popular.[1]

A Organização Mundial de Saúde (OMS) junto as Conferências de Saúde fomentou há mais de três décadas o uso das PICS e a formulação de políticas que visa a integração de sistemas médicos e recursos terapêuticos em mais de 180 países[2,3]. No Brasil, com a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS), em maio de 2006[3], surge um novo contexto para aumentar a visibilidade social de abordagens holísticas fundamentais à assistência da população. A efetivação da PNPIC visou o cuidado humanizado e integral da saúde voltado à prevenção de doenças, promoção de saúde, ao tratamento e cura de enfermidades com ênfase na atenção básica, e impulsionou o fortalecimento de profissionais e usuários a fomentar a política[4,5]. O termo Práticas Integrativas e Complementares tornou-se mais adequado e substituiu o termo terapias alternativas e similares.

Um grande obstáculo para implementação da PNPIC é o limitado número de instituições superiores que formam profissionais especialistas em algum tipo de PICS, dentro de um paradigma sistêmico para pensar a saúde e suas práticas por outra perspectiva[4,5]. Essa limitação está relacionada a diversos fatores, como a falta de inclusão das PICS nos currículos das graduações na área da saúde, a escassez de cursos de especialização voltados para as PICS e a falta de incentivos para o desenvolvimento de programas de formação nessa área[4]. Outro problema é o desconhecimento de estudantes e profissionais de saúde de seus fundamentos, aspectos filosóficos e métodos terapêuticos, uma vez que conteúdos de PICS não são contemplados de modo consistente nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) de cursos da saúde nem na formação acadêmica[6-9].

Contudo, a formação contemporânea dos profissionais da saúde deve atender demandas sociais de Saúde Coletiva e fomentar novos modos de intervenção e práticas de cuidado como é o caso das PNPIC. O profissional fisioterapeuta reconhece a importância dessas políticas públicas e valida a expansão da atuação do profissional fisioterapeuta, considera ainda um crescente interesse de usuários pelas PICS, por um lado, devido ao bem-estar físico e espiritual que elas proporcionam, e por outro, como alternativa de fugir da precariedade de assistência do serviço público, do alto custo de serviços privados e das medicações[10].

Devido à procura de fisioterapeutas e usuários nessa área, o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) regulamentou a prática profissional das PICS pelo fisioterapeuta. Inicialmente com a Acupuntura e a Medicina Tradicional Chinesa através da Resolução do COFFITO nº 60/85 e de suas derivadas[11-13]. Posteriormente com a Resolução n°. 380/2010 que autoriza o exercício profissional para as Práticas Corporais, Manuais, Meditativas, Terapia Floral, Magnetoterapia, Fisioterapia Antroposófica, Termalismo/Crenoterapia/ Balneoterapia e Hipnose[14].

Muitos fisioterapeutas têm buscado realizar formações complementares nesta área decorrente do potencial que as PICS têm de propor uma visão mais holística, na qual as dimensões biopsicossocial, espiritual e ambiental do ser humano são contempladas. O avanço para consolidação das PICS como políticas públicas no sistema de saúde dependerá da luta dos profissionais da saúde, movido pelo interesse na área, engajamento e aquisição de conhecimentos adquiridos na graduação[8], assim como posição militante de conselhos de classe, associações profissionais e instituições de ensino.

Há uma necessidade de discutir a formação de PICS nas instituições de ensino superior da área da saúde no Brasil, em especial no curso de bacharelado em Fisioterapia[14,15]. Embora essa temática se apresente com uma literatura escassa, sua discussão é oportuna e relevante. A identificação de conhecimentos e de atitudes dos acadêmicos de Fisioterapia sobre as PICS é uma importante estratégia de investigação para compreender a formação profissional e o interesse dos futuros fisioterapeutas neste campo de atuação[15]. Neste sentido, este trabalho tem como objetivo identificar o conhecimento de acadêmicos de Fisioterapia sobre as Práticas Integrativas Complementares utilizadas por fisioterapeutas.

## MATERIAIS E MÉTODOS

Realizou-se um estudo descritivo transversal com acadêmicos de Fisioterapia matriculados na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I na cidade do Salvador-Bahia. Os critérios de inclusão foram aqueles alunos que estiveram frequentando regularmente a universidade no período da coleta de dados, cursar a partir do quarto semestre do curso. Foram excluídos os estudantes que passaram por transferência de Universidade e que se recusaram a participar da realização da pesquisa. A seleção da amostra populacional ocorreu por conveniência.

Dados primários foram coletados por meio de entrevista estruturada com uso de questionário elaborado pelos autores, com questões sobre dados sociodemográficos, e sobre o conhecimento dos acadêmicos acerca das PICS. A coleta foi realizada pelos pesquisadores em salas do Departamento de Ciências da Vida, c*ampus* I - UNEB. Para calibrar o instrumento e o pesquisador, foi realizado um piloto com três acadêmicos de Fisioterapia.

As variáveis sociodemográficas definidas para a coleta de informações foram: sexo, estado civil, cor da pele e semestre todas essas definidas como categóricas. Quanto às variáveis relacionadas ao conhecimento em Práticas Integrativas e Complementares foram: participou de algum evento acadêmico que discutisse as PICS, discutiu com colegas e professores sobre PICS, leu a Resolução 380/2010 que faz referência do uso das PICS pelo fisioterapeuta, leu a PNPIC, considera a existência de evidências científicas quanto ao uso de PICS categorizadas de forma

dicotômica. Foi questionado ainda as atitudes dos acadêmicos frente o uso das PICS, como: submeteu-se há algum tratamento com as PICS, indicaria futuramente PICS aos pacientes, tem pretensão de fazer um curso de formação complementar em alguma PICS, acredita que devem ser incluídas no curso de graduação em Fisioterapia, acredita que devem ser inseridas no SUS também categorizadas como dicotômicas.

O banco de dados foi estruturado no software Excel - 2013 e a análise foi realizada no Epi Info versão 3.5.2, onde foram realizadas correções dos dados digitados com o objetivo de eliminar possíveis erros e inconsistências. Foi realizada análise descritiva com a finalidade de identificar as características gerais e específicas da população estudada. Na análise das variáveis, foi realizado o Teste Exato de Fisher. Para esta análise foi considerado um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da UNEB, sob o protocolo 1.539.705/2016, amparado pela Resolução 466/12 CNS/MS. Os riscos para os voluntários do presente estudo foram mínimos, como trazer desconforto e cansaço em responder o questionário. As informações que identificavam os participantes na pesquisa foram mantidas em sigilo com o intuito de preservar a integridade do profissional. Todos os participantes foram voluntários e ao concordarem em integrar a pesquisa, leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

## RESULTADOS

Foram coletadas informações de 67 acadêmicos do curso de Fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Nessa amostra um aluno entrevistado não preencheu corretamente o questionário e um havia passado por transferência universitária, e foram excluídos da análise dos dados, e restaram 66 indivíduos. Observou-se, dentre estes, que a maioria, 83,3% eram do sexo feminino, com idade média de 23,25 anos e desvio padrão de ± 04,90, 54 (81,8%) foram considerados negros, 60 (90,9%) eram solteiros, 40,9% estavam entre o 4º e 6º semestre do curso e 59,1% entre 7º e 9º semestre, conforme se observa na Tabela 1.

**Tabela 1.** Características demográficas de acadêmicos de Fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2023.

| Variáveis | n=66 | % | Média/DP |
|---|---|---|---|
| **Sexo** | | | |
| Masculino | 11 | 16,7 | |
| Feminino | 55 | 83,3 | |
| **Idade** | - | - | 23,25 ± 04,90 |
| **Cor da Pele** | | | |
| Pardo e Preto | 54 | 81,8 | |
| Branco, Indígena e Amarelo | 12 | 18,2 | |
| **Estado Civil** | | | |
| Solteiro | 30 | 90,9 | |
| Casado, separado, divorciado | 6 | 9,1 | |
| **Semestre** | | | |
| 4º ao 6º | 27 | 40,9 | |
| 7º ao 9º | 39 | 59,1 | |

Na Tabela 2, onde são relacionadas qual Práticas Integrativas e Complementares é mais conhecida por semestres, parte dos acadêmicos do 4º ao 6º semestre (77,8%) e acadêmicos do 7º ao 9º (97,4%) consideraram conhecer as PICS de maneira geral, quando comparadas estas variáveis entre si, houve significância estatística (p = 0,015). Dentre a mais conhecida pelos estudantes, ganhou destaque a Acupuntura que apareceu em 74,4% das respostas para os estudantes que cursavam a partir do 7º semestre e 63,0% dos alunos do ≤ 6º semestre, no entanto não houve diferenças de proporção entre os semestres (p = 0,235).

**Tabela 2.** Variáveis relacionadas a qual Práticas Integrativas e Complementares é mais conhecida por semestres, pelos acadêmicos de Fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2023.

| Variáveis relacionadas ao conhecimento das PICS | Semestre | | | | Valor de p |
|---|---|---|---|---|---|
| | 4 - 6 | | 7 - 9 | | |
| | n | % | n | % | |
| **Conhecimento geral** | | | | | |
| Sim | 21 | 77,8 | 38 | 97,4 | |
| Não | 6 | 22,2 | 1 | 2,6 | **0,015** |
| **Acupuntura** | | | | | |
| Sim | 17 | 63,0 | 29 | 74,4 | |
| Não | 10 | 37,0 | 10 | 25,6 | 0,235 |
| **Fitoterapia** | | | | | |
| Sim | 4 | 14,8 | 27 | 69,2 | |
| Não | 23 | 85,2 | 12 | 30,8 | **< 0,001** |
| **Hipnose** | | | | | |
| Sim | 4 | 14,8 | 26 | 66,7 | |
| Não | 23 | 85,2 | 13 | 33,3 | **< 0,001** |
| **Termalismo** | | | | | |
| Sim | 1 | 3,7 | 10 | 26,3 | |
| Não | 26 | 96,3 | 28 | 73,7 | **0,015** |
| **Outros** | | | | | |
| Sim | 10 | 37,0 | 23 | 59,0 | |
| Não | 17 | 63,0 | 16 | 41,0 | 0,066 |

Na sequência a Fitoterapia foi a PICS mais frequente, citada por 27 (69,2%) acadêmicos ≥ 7º semestre, seguida da Hipnose, de forma semelhante, referida por 26 (66,7%) dos acadêmicos do 7º ao 9º semestre, para estas duas modalidades 23 (85,2%) dos estudantes do ≤ 6º semestre alegaram não conhecer. Quando comparadas ambas variáveis entre si, houve significância estatística ($p < 0,001$). O Termalismo apareceu como a quarta PICS mais conhecida, em 26,3% das respostas dos alunos 7º ao 9º semestre ($p = 0,02$). Ainda foram citadas outras PICS como Homeopatia, Reiki e Medicina Antroposófica, que apareceu, pelo menos uma, em 59,0% das respostas do 7º ao 9º semestre ($p = 0,066$).

Os meios de aquisição do conhecimento acerca da PICS pelos acadêmicos de Fisioterapia, são demonstrados na Tabela 3. Cerca de 45,5% dos estudantes referiram ter obtido conhecimento sobre as PICS dentro da Matriz Curricular através de discussões com os docentes durante as aulas ministradas, dentro dos componentes curriculares obrigatórios e/ou optativos. Verificou-se que 13 (19,7%) obtiveram esse conhecimento através de projetos de extensão, eventos científicos ou projetos de pesquisa e 23 (34,8%) em espaços fora da academia, como mídias, contato com amigos, pesquisas científicas por conta própria ou não obtiveram nenhum conhecimento. Questionados se em algum componente curricular os professores inserem as PICS nas discussões dos conteúdos programados, 43 (65,2%) alegaram que sim. E 57 (86,4%) dos entrevistados nunca realizaram alguma formação complementar na área das PICS.

A maioria, 41 (62,1%) dos entrevistados, relataram desconhecimento de evidências científicas quanto ao uso dessas práticas. Quando questionados sobre o conhecimento da Resolução 380/2010 que regulamenta o uso das PICS pelo fisioterapeuta, 69,7% dos sujeitos apontaram que não conhecem. E 45 (68,2%) relataram nunca ter estudado a Política Nacional de Práticas Integrativas Complementares (PNPIC). A insatisfação com o conhecimento adquirido durante a formação acadêmica foi apontada por 50 (75,8%) dos acadêmicos entrevistados (Tabela 3).

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

**Tabela 3.** Distribuição da amostra segundo os conhecimento acerca das Práticas Integrativas e Complementares de acadêmicos de Fisioterapia da Universidade do Estado da Bahia, Salvador, Bahia, 2023.

| Variáveis | n | % |
|---|---|---|
| **Meio que obteve conhecimento** | | |
| Dentro da Matriz Curricular | 30 | 45,5 |
| Fora da Matriz Curricular | 13 | 19,7 |
| Outros ou Nenhum | 23 | 34,8 |
| **Componente curricular discute a PICS** | | |
| Sim | 43 | 65,2 |
| Não | 23 | 34,8 |
| **Formação complementar na área** | | |
| Sim | 9 | 13,6 |
| Não | 57 | 86,4 |
| **Conhecem evidências científicas** | | |
| Sim | 25 | 37,9 |
| Não | 41 | 62,1 |
| **Leitura da Resolução do COFFITO 380/2010** | | |
| Sim | 20 | 30,3 |
| Não | 46 | 69,7 |
| **Estudou a PNPIC - SUS** | | |
| Sim | 21 | 31,8 |
| Não | 45 | 68,2 |
| **Satisfação com o conhecimento adquirido** | | |
| Sim | 16 | 24,2 |
| Não | 50 | 75,8 |
| **Fez/Faz tratamento com as PICS** | | |
| Sim | 17 | 25,8 |
| Não | 49 | 74,2 |
| **Medo/receio das PICS** | | |
| Sim | 8 | 12,1 |
| Não | 58 | 87,9 |
| **Crença nos benéficos das PICS** | | |
| Sim | 57 | 86,4 |
| Não | 9 | 13,6 |
| **Crença que o efeito seja placebo** | | |
| Sim | 7 | 10,6 |
| Não | 59 | 89,4 |
| **Crença para recomendação das PICS** | | |
| Sim | 52 | 78,8 |
| Não | 14 | 21,2 |
| **Níveis de Inserção no SUS** | | |
| Todos os níveis de atenção | 49 | 74,2 |
| Atenção primária e/ou secundária | 10 | 15,2 |
| Nenhum ou Não sabe | 7 | 10,6 |
| **Interesse em atuar na área** | | |
| Sim | 37 | 56,1 |
| Não | 29 | 43,9 |
| **Incluir na Matriz Curricular** | | |
| Componente Obrigatório | 25 | 37,9 |
| Componente Optativo e/ou Extensão | 39 | 59,1 |
| Nenhum | 2 | 3,0 |

Ainda na tabela 3 observa-se que os acadêmicos, 49 (74,2%) nunca fizeram algum tratamento ou intervenção de com essas terapêuticas. A maioria, 58 (87,9%), não mostraram medo ou receio pessoal de alguma prática. Quanto aos benefícios terapêuticos das práticas 86,4% acreditam que podem trazer benefícios, enquanto 13,6% dizem não acreditar. Na opinião de 59 (89,4%) os resultados terapêuticos com o uso das PICS não são justificados apenas pelo efeito placebo. Mostraram confiança para indicar/encaminhar seus futuros pacientes aos serviços que ofertassem algum tipo de PICS, 52 (78,8%) dos estudantes.

A inclusão das PICS nos três níveis de atenção à saúde foi aceita por 74,2% dos indivíduos entrevistados, outros 15,2% acreditavam que poderiam ser oferecidas em nível primário e/ou secundário, e 7 (10,6%) não sabiam ou acreditavam que não deveria ser inserido em nenhum dos níveis de atuação. Entre os acadêmicos, 37 (56,1%) afirmaram elevado interesse em atuar na área, além disso, 39 (59,1%) tinham o desejo que as PICS fossem inseridas na matriz curricular do curso de Fisioterapia como componente optativo e/ou Projeto de Extensão, outros 25 (37,9%) como componente obrigatório e apenas 2 (3,0%) afirmaram que não deveriam ser inseridos na matriz curricular.

## DISCUSSÃO

No presente estudo, os acadêmicos de Fisioterapia do 4º ao 9º semestre conheciam, de modo geral as PICS, considerando as atuais demandas nos serviços de saúde, tem-se estimulado o ensino de PICS em Instituições de Ensino da Saúde, para que os futuros profissionais egressem com menor preconceito e maior conhecimento[16]. Esses achados corroboram com o estudo de Trovo *et al*.[10], 2003, realizado com estudantes de Enfermagem do 1 ao 4º ano de curso, que revelou expressivo conhecimento pela maioria dos entrevistados. Por outro lado, Texeira *et al*.[16], 2005, identificou um desconhecimento sobre a temática em (76%) numa amostra de 484 estudantes de Medicina, embora, ainda nesse mesmo estudo, (67%) dos participantes acreditavam em algum grau de eficácia de práticas não-convencionais, tendo como principais indicações as doenças crônicas. Essa divergência entre os estudos pode ser atribuída em função da ausência de conteúdos estruturados de PICS de modo sistemático nas matrizes curriculares desses cursos e por se tratar de estudos realizados antes da efetivação da PNPIC.

Dentre as práticas mais conhecidas pelos participantes foi destacada a acupuntura. Relada por eles como conteúdo teórico-prático ministrado nos componentes curriculares Tópicos Especiais 1 e Estágio Supervisionado de Fisioterapia em Clínica da Dor, ofertadas no 4º e 8º semestres do curso, respectivamente. Bauguiet *et al*.[17], 2000, verificaram um resultado semelhante, com 90 estudantes de graduação em Fisioterapia, em que relataram maior conhecimento da acupuntura.Witt *et al*.[18], 2006, em um estudo realizado com todos os acadêmicos de Medicina de uma Universidade de Berlim-Alemanha, que avaliavam o ensino das PICS após uma reforma curricular, identificaram como a prática mais conhecida a acupuntura, que apareceu na maioria das respostas. Desta mesma forma, acadêmicos de Enfermagem em uma pesquisa de Gavin *et al*.[19], 2010, mostraram maior conhecimento para as práticas de acupuntura. No estudo de Armson *et al*[27], 2020, apesar de demonstrarem pouco conhecimento acerca da Medicina Complementar e Alternativa (CAM), estudantes de fisioterapia de duas universidades da Austrália apresentaram crenças e atitudes positivas quanto ao uso de tais recursos e sua integração aos cuidados ampliados do paciente.

Foi ainda observado no estudo atual, um elevado conhecimento da Fitoterapia e Hipnose, foi mais frequente nos acadêmicos mais próximos à conclusão do curso, e evidenciou que quanto mais elevado o período acadêmico, maior a quantidade de PICS conhecidas por eles. Esses achados corroboram com o estudo dos autores Ameade *et al*.[21], 2015, em que a proporção de estudantes no último ano da graduação de Medicina tinha um conhecimento significativamente mais elevado das Terapias Alternativas que os acadêmicos dos primeiros dois anos de curso. Entretanto, o estudo de Morales *et al*[28], 2015, revelou que a terapia integrativa mais conhecida pelos estudantes de Medicina já no segundo semestre de uma universidade do Sul do Brasil foi a Fitoterapia (90,3%), destacando ainda que a maioria dos acadêmicos demonstrou ser favorável em aprender sobre o tema em aulas curriculares (75,26%).

Quanto aos dados demográficos, nesta pesquisa revelaram um predomínio de indivíduos do sexo feminino, com faixa etária média de 23,25 anos e de cor negra. Essa descrição revela características específicas do grupo em questão, sugerindo uma preponderância da participação de mulheres jovens e uma representatividade étnico-racial específica nesse contexto. Ao destacar que se trata de uma universidade pública, gratuita e popular, que enfatiza o acesso amplo e igualitário ao ensino

superior. Estes resultados reforçam os achados de Gavin *et al*.[29], 2010, que revelaram maior frequência dos acadêmicos entrevistados do sexo feminino, jovens com idade entre 18 e 25 anos, e o estudo de Trovo *et al*.[10], 2003, encontraram em suas pesquisas indivíduos, em maioria do sexo feminino, jovens, com idade média de 24,3 anos.

O meio em que os acadêmicos de Fisioterapia do atual estudo obtiveram conhecimento das PICS, mencionou-se diversas fontes, a mais comum entre eles foi as discussões em aulas ministradas por docentes dentro da matriz curricular. Estes resultados divergem dos achados de Witt *et al*.[18], 2006, no qual cerca de dois terços dos estudantes de Medicina referiram ter recebido algum tipo de informação sobre as PICS no meio extra acadêmico, verificou que diálogos com amigos compuseram a fonte de informação mais citada e Kulkamp *et al*.[21], 2007, em seu trabalho mostraram que o conhecimento de acadêmicos do primeiro ao penúltimo ano de Medicina advém de meios de comunicação social como jornais e internet. Uma possível explicação para a divergência entre os estudos seja o tamanho amostral do presente estudo e a diferença das populações investigadas.

O estudo de Iktidar *et al*.[29], 2022, avaliou e comparou o nível de conhecimento, atitude, eficácia percebida e autoprática de Medicina Complementar e Alternativa (CAM) entre estudantes de cursos de saúde em Bangladesh. Os autores identificaram que entre os estudantes de medicina a homeopatia foi a terapia mais conhecida, enquanto os estudantes dos demais cursos de saúde, a fitoterapia foi a mais representativa, e além do mais, eles tiveram um conhecimento significativamente maior sobre nove das doze modalidades de CAM incluídas no estudo quando comparado aos estudantes de medicina. O Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, COFFITO, foi pioneiro em reconhecer as PICS como especialidades da Fisioterapia, inicialmente com a acupuntura e a Medicina Tradicional Chinesa e mais recente com demais práticas por meio da Resolução nº 380/10. Contudo, no presente estudo, a maioria dos acadêmicos relataram não terem lido a Resolução n°. 380/2010, bem como o desconhecimento da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) de 2006, que favorecem e respaldam a atuação dos fisioterapeutas no SUS[3,13]. Estes achados são similares aos de Trovo *et al*.[10], 2003, em seu estudo, qual ficou postulado, o desconhecimento científico dos estudantes de Enfermagem dos 4 anos de graduação, a respeito da regulamentação dessas práticas no exercício profissional do enfermeiro.

A criação da PNPIC contribuiu para a inserção das PICS no SUS, contudo a sua institucionalização ainda provoca certa resistência[3], pois algumas terapias são ainda desacreditadas pelos profissionais de saúde que seguem o modelo biomédico, o que acarreta dificuldades na incorporação dessas práticas na rede pública de saúde. O modelo biomédico tradicional ainda tem sido predominante na formação e prática de profissionais, enfatizando uma abordagem mais biológica, curativa e um tratamento centrado na doença e em procedimentos técnicos, o que difere de uma abordagem biopsicossocial, holística e humanizada defendida pelo SUS e pela PNPIC. Essa resistência pode ser atribuída a diferentes fatores[24], como a falta de familiaridade ou conhecimento aprofundado sobre as PICS, a ausência de evidências científicas que sejam consideradas suficientemente robustas por alguns profissionais e a influência de uma cultura médica contemporânea que tende a valorizar mais as práticas convencionais.

Nesse estudo, observou-se um grande interesse pela inserção das PICS no SUS, por parte dos futuros profissionais de saúde, e abrangeu os níveis de atenção, primário, secundário e terciário. Essa efetivação acontecerá de forma gradual, com a elevação do conhecimento e formação qualificada dos profissionais nessa área. Contudo, na atenção primária, é preciso fortalecer o papel do fisioterapeuta, superar os desafios no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), fomentar a qualificação profissional e buscar, constantemente, a ampliação da qualidade do serviço prestado à população[31].

A inclusão do ensino das PICS nos currículos das graduações em saúde não é legitimada pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de saúde. Certamente essa condição vem dificultar o acesso as PICS pelos estudantes e professores, bem como limitar a produção científica nesta área. Um elevado grau de insatisfação pela pouca importância dada ao ensino de PICS na graduação e o interesse que de seja inserido na matriz curricular dos componentes ofertado pelo curso foram apontados pelos acadêmicos de Fisioterapia no presente estudo, e como sugestão propuseram que sua inclusão na matriz curricular deve ser enfatizada na forma de componente curricular optativo e como projeto de extensão.

Esses achados corroboram com a pesquisa de Dantas & Ribeiro[22], 2002, realizada durante um evento científico da educação médica com acadêmicos de Medicina de variadas Instituições de Ensino do Brasil, em que mais da metade dos

estudantes manifestaram alto interesse em conhecer as práticas, e afirmaram que deveriam ser ofertadas aos discentes de forma opcional. E 16 anos depois, Nascimento *et al*[25], 2018, aponta desafios para a ampliação e qualificação do ensino de Práticas Integrativas e Complementares, bem como sua inserção integrada em cursos de saúde visando a interação e complementaridade entre saberes distintos.

No mundo, de acordo com o estudo de Care et al [30], 2021, parece haver amplo apoio à regulamentação das Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas (MTCI) nos sessenta estudos investigados de 15 países. O estudo contemplou as opiniões e atitudes de grupos de pessoas interessadas na saúde como pacientes, praticantes, consumidores, associações de profissionais, provedores de saúde/educação e gestores políticos. As principais razões para apoiar a regulamentação incluíam fornecer uma maior assistência, qualidade e segurança na saúde pública e a elevação dos padrões de formação, treinamento e prática das MTCI.

O apoio à regulamentação dessas práticas, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS)[26] se baseia em vários fatores como o reconhecimento de eficácia, com algumas MTCI têm demonstrado benefícios e segurança no tratamento de certas condições de saúde; o acesso como principal ou única opção de cuidados de saúde disponível da população em vários países e comunidades; a aceitação e demanda dos pacientes e pessoas que buscam cuidados mais holísticos; na preservação cultural de saberes e práticas de cuidado passadas de geração em geração com um relevante significado cultural e histórico para as comunidades onde são praticadas.

No entanto, é importante destacar que a regulamentação das MTCI não é uniforme em todo o mundo. Cada país tem suas próprias abordagens e leis específicas sobre o assunto, onde encontra-se um cenário internacional bastante diversificado em que as MTCI são estabelecidas e regulamentadas, enquanto outros países enfrentam os desafios legais e de aceitação[26].

A crescente busca de profissionais pela capacitação/formação em MTCI e em PICS e a expansão de conhecimentos nesta área contribuíram para as discussões política que culminaram em ações governamentais efetivas. Há exemplo, a implementação de centros de saúde integrativos voltado especificamente às PICS, financiados por órgãos públicos, de modo a garantir à população o acesso gratuito e universal das práticas no SUS[21]. Com base nos aspectos já discutidos, o

conhecimento gerado por esta pesquisa sinaliza a necessidade de um planejamento sobre inclusão das PICS na matriz curricular das graduações em saúde, em especial no curso de Fisioterapia. Além disso é relevante promover espaços de discussões e fomento à pesquisa, de modo a fortalecer essas práticas no SUS, nas instituições de ensino superior e nos conselhos, sindicatos e associações profissionais.

Pode-se salientar como vantagens desta investigação a originalidade dos resultados já que não foram localizados a mesma população em outros estudos. Bem como a obtenção de dados primários, por meio de um questionário estruturado, elaborado para esta pesquisa, sobre o qual foi realizado um estudo piloto para a calibração do instrumento e do pesquisador. Como possíveis limitações, salienta-se o reduzido número amostral, a divergência da condução dos conteúdos programáticos pelos docentes que assumem os componentes curriculares.

## CONCLUSÃO

Os resultados do presente estudo permitem concluir que, de uma maneira ampla, os estudantes do curso de Fisioterapia conhecem as PICS; em especial a Acupuntura, Fitoterapia e Hipnose são as práticas mais conhecidas. Este conhecimento advém, em geral, de componentes curriculares optativos e estágio curricular. Além disso, a maior parte dos acadêmicos desconhecem a resolução do COFFITO que regulamenta o uso dessas práticas, bem como a PNPIC, embora tenham demonstrado interesse que esses conteúdos fossem inseridos oficialmente na matriz curricular. Portanto, cabe às instituições de ensino superior, gestores e professores, oportunizarem experiências formativas e construir competências profissionais necessárias à formação do fisioterapeuta que busque contemplar concepções mais holísticas e integrativas do ser humano através de propostas curriculares mais concretas que valorizem as PICS. Espera-se fomentar mais discussões entre professores e estudantes acerca dessa temática, bem como o desenvolvimento de mais pesquisas sobre a atuação do fisioterapeuta e as PICS. Cabe ainda alertar às instituições de ensino superior do curso de Fisioterapia à necessidade de constante adequações e reformulações de suas matrizes curriculares para que possam melhor atender as necessidades formativas dos acadêmicos acerca dessa temática.

## REFERÊNCIAS

1. Barbosa MA, Siqueira KM, Brasil VV, Bezerra ALQ. Crenças populares e recursos alternativos como práticas de saúde. Rev Enferm UERJ. 2004; 12(1): 38-43.
2. World Health Organization. Traditional medicine: definitions. Who: Geneva; 2023. Disponível em: http://www.who.int/medicines/areas/traditional/definitions/en/
3. Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS - PNPIC-SUS, 2006. Brasília: Ministério da Saúde; 2006. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf.
4. Barros N, Tovey P. O ensino das terapias alternativas e complementares em escolas de enfermagem. Rev Gaúcha Enferm. 2008;28(2):207.
5. Tesser CD. Práticas complementares, racionalidades médicas e promoção da saúde: contribuições poucos exploradas. Cad Saúde Pública. 2009; 25(8):1732-1742.
6. Azevedo E, Pelicioni M. Práticas integrativas e complementares de desafios para a educação. Trab Educ Saúde. 2011; 9(3):361-378 p.
7. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2014. Diário Oficial da União: Brasília; 2014.
8, Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 4/2002. Diário Oficial da União: Brasília; 2002.
9. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3/2001. Diário Oficial da União: Brasília; 2001.
10. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 339/2009. Diário Oficial da União: Brasília; 2009.
11. Trovo MM, Silva MJP, Leão ER. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. Rev Lat Am Enfermagem. 2003; 11(4):483-9.
12. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução Coffito nº 60, de 22 de junho de 1985. Diário Oficial da União: Brasília; 1985.
13. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução nº. 219, de 14 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União: Brasília; 2000.
14. Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Resolução Coffito nº. 380, de 3 de novembro de 2010. Diário Oficial da União: Brasília; 2010.
15. Fontanella F, Speck PF, Piovezan AP, Kulkamp IC. Conhecimento, acesso e aceitação das práticas integrativas e complementares em saúde por uma comunidade usuária do Sistema Único de Saúde na cidade de Tubarão/SC. Arq Catarin Med. 2007; 36(2):69-74
16. Barros N, Siegel P, Otani MA. O Ensino das Práticas Integrativas e Complementares: experiências e percepções. São Paulo: Hucitec; 2011.
17. Teixeira MZ, Chin AL, Martins MA. O Ensino de Práticas Não-Convencionais em Saúde nas Faculdades de Medicina: Panorama Mundial e Perspectivas Brasileiras. Sao Paulo: Med J. 2005; 28(1):7-82.
18. Baugniet J, Boon H, Ostbye T. Complementary/Alternative Medicine: comparing the view of medical students with students in other Health Care Professions. Fam Med. 2000; 32(3):178-84.
19. Witt CM, Brikhaus B, Willich NS. Teaching Complementary and Alternative Medicine in a Reform Curriculum. Forsch Komplementarmed. 2006; 13(6):342–348.
20. Gavin R, Oliveira M, Gherardi-Donato E. Terapias Alternativas Complementares: uma visão do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. Ciênc. cuid. saúde. 2011;9(4):760-5.
21. Ameade E, Amalba A, Helegbe G, Mohammede B. Medical students' knowledge and atitude towards complementary and alternative medicine – A survey in Ghana. Ghana: Jorn of Trad Comp Medicine. 2015; 6(3):230–236.

22. Kulkamp I, Burin G, Souza M, Silva P, Piovezan A. Aceitação de Práticas Não-Convencionais em Saúde por Estudantes de Medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina. Rev Bras Educ Med. 2007; 31(3):229-235.
23. Dantas F, Ribeiro C. Atitudes de estudantes de Medicina sobre práticas médicas heterodoxas no Brasil. Rio de Janeiro: Rev Bras Educ Med. 2002; 26(2):99-104.
24. Tesser CD, Sousa IMCN, Nascimento MC. Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde brasileira. Saúde Debate. 2018; 42 (spe1):174-188.
25. Nascimento MC, et al. Formação em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: Desafios para as Universidades Públicas. Trab Educ Saúde. 2018; 16(2):751-772.
26. World Health Organization. WHO traditional medicine strategy: 2014-2023. Geneva: WHO; 2013.
26. Armson A, Hodgetts C, Wright A, Jacques A, Ricciardi T, Bettinelli G, Walker B. Knowledge, beliefs, and influences associated with complementary and alternative medicine among physiotherapy and counselling students. Physiother Res Int. 2020 Apr; 25(2):e1825.
27. Morales NM, Min L, Teixeira JEM. Atitude de Estudantes de Medicina frente a Terapias Alternativas e Complementares. Rev Bras Educ Méd. 2015; 39(2):240-245.
28. Iktidar MA, Chowdhury S, Roy S, Liza MM, Akter S, Islam AMK, Pranto SA, Chowdhury S, Rahman MA, Shafiul CSB, Dev D, Tanvir SMS, Nabi MH. Knowledge, attitude, perceived effectiveness and self-practice of complementary and alternative medicine: a cross-sectional comparison between medical and non-medical students of Bangladesh. BMC Complement Med Ther. 2022;22(1):342.
29. Carè J, Steel A, Wardle J. Stakeholder attitudes to the regulation of traditional and complementary medicine professions: a systematic review. Hum Resour Health. 2021;19(1):42.
30. Silva DJRS, Amorim MCBVA, Silva TCD da S, Santos SELS, Silva VNS, Viana SOV. Desafios da atuação do fisioterapeuta no NASF-AB: uma revisão da literatura. Prát. Cuid. Rev. Saude Colet. 2021; 2:e10144.